

A RELAÇÃO ENTRE O PENSAMENTO DE MARX E A CIÊNCIA: O MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO

José Cristiano Santos de Paula¹

Resumo: Desde a concepção do método cartesiano no século XVII, surgiram várias correntes metodológicas que buscavam definir qual seria o “caminho ideal” que o conhecimento deveria percorrer, nas longas veredas das instituições científicas. O método científico adequado para Karl Marx seria o materialismo histórico de corte ontológico. Neste artigo propomos uma breve análise e discussão da relação marxismo e ciência, explorando o conceito de materialismo histórico dialético dentro da filosofia marxiana, buscando demarcar algumas conclusões acerca da visão de sociedade desse filósofo. Nessa discussão, além das obras de Karl Marx e Friedrich Engels que tratam da temática, buscaremos apoio interpretativo na literatura especializada sobre o assunto.

Palavras-chave: Marx. Materialismo histórico. Dialética. Ciência.

1 Introdução: Apresentando questões

Em todas as instituições científicas incitam-se debates teóricos sobre qual seria o melhor método científico possível em um determinado momento histórico. Desde a implantação da ciência moderna buscamos um modelo que seja menos suscetível a erros e substancialmente coerente com o objetivo de entendermos e explicarmos todos os fenômenos que dizem respeito à vida, à sociedade e à natureza em geral.

Desde a concepção do método cartesiano no século XVII, surgiram várias correntes metodológicas, que buscavam definir qual seria o “caminho ideal” que o conhecimento deveria percorrer nas longas veredas das instituições científicas. Podemos citar como principais expoentes dessas correntes o empirismo inglês², o positivismo francês³, o

¹ Acadêmico do curso de Direito e do curso de Filosofia (B) da Universidade de Passo Fundo. Email para contato: 152963@upf.br

² Corrente filosófica para a qual a experiência é critério ou norma da verdade; essa corrente caracteriza-se pela negação do caráter absoluto da verdade ou, ao menos, da verdade acessível ao homem; Acredita que toda verdade deve ser posta à prova, podendo ser modificada, corrigida ou abandonada (ABBAGNANO, 2007, p. 326).

³ Este termo foi empregado pela primeira vez por Saint-Simon, para designar o método exato das ciências e sua extensão para a filosofia. Foi adotado por Augusto Comte para a sua filosofia e, graças a ele, passou a designar uma grande corrente filosófica que, na segunda metade do séc. XIX, teve numerosíssimas e variadas manifestações em todos os países do mundo ocidental (ABBAGNANO, 2007, p. 776).

criticismo kantiano⁴ (atualizado por Hegel) e, o método que será brevemente analisado neste artigo, a saber, o materialismo histórico de corte ontológico proposto por Karl Marx.

Antes de partirmos para o cerne da discussão pretendida, faz-se necessário pontuarmos alguns aspectos sobre a tumultuada relação entre a teoria marxiana e a academia. Karl Marx veio ao mundo em 05 de maio de 1818, na pequena cidade de Trêves, no sul da Prússia Renana, região situada hoje na Alemanha, nas fronteiras com a França. Completados os estudos secundários em Trêves, Marx foi para Bonn, onde ingressou na universidade para cursar Jurisprudência (Direito). De acordo com Feracine (2011), vendo que o filho se dedicava mais à vida mundana do que aos estudos, seu pai o transfere, em 1836, para a universidade de Berlim, que, segundo lhe parecia, era mais austera e mais exigente com os estudantes. No novo centro de estudos superiores, Karl Marx entrou em contato com renomados professores e escritores, passando a frequentar o “Doktor Club”, um círculo de intelectuais que seguiam os ensinamentos filosóficos de Hegel. Nesse clube, conheceu mestres de diferentes áreas do conhecimento e selou grandes amizades com muitos frequentadores, que defendiam posições radicais em filosofia, política, economia e sociologia. Ao trazer para o debate filosófico questões tão candentes, acabava causando muitas polêmicas no interior da universidade; tais polêmicas acabariam impedindo a continuidade da vida acadêmica do filósofo após o seu doutoramento, ocorrido em 1841 (FERACINE, 2011, p. 15).

O neo-hegeliano Bruno Bauer (1809-1872), até então seu amigo e mentor intelectual, fora expulso da cátedra em que dava aula; esta condição foi crucial para o fechamento das portas da vida de professor universitário para Marx. O fragmento transcrito na sequência recupera os aspectos gerais do contexto histórico concomitante ao processo de formação intelectual do jovem Marx.

Karl dedicou-se à elaboração de sua tese de doutorado durante os anos de 1838, 1839 e 1840. Como fora dispensado do serviço militar (em virtude de uma ligeira deficiência cardíaca), sobrava-lhe tempo para ler e ele estudava com afinco as obras de Hegel, Spinoza, Kant, Leibnitz, Aristóteles e Epicuro. Sua esperança era a de vir a estabelecer-se como catedrático e garantir uma base econômica que lhe permitisse casar-se. Aconteceu algo que não estava previsto, contudo, e que, não lhe possibilitou alcançar seu objetivo. Em 1840, morreu Frederico Guilherme III. Os liberais da Prússia se animaram, parecia que as coisas iam melhorar. Mas Frederico Guilherme IV se revelou ainda pior do que seu antecessor. Sob o novo governo, a

⁴ Criticismo: Doutrina de Kant, nos pontos básicos pelos quais agiu na filosofia moderna e contemporânea, e que podem ser assim resumidos: Formulação crítica do problema filosófico e, portanto, condenação da metafísica como esfera de problemas que estão além das possibilidades da razão humana; determinação da tarefa da filosofia como reflexão sobre a ciência e, em geral, sobre as atividades humanas, a fim de determinar as condições que garantem (e limitam) a validade da ciência e, em geral, das atividades humanas; distinção fundamental, no domínio do conhecimento, entre os problemas relativos à origem e ao desenvolvimento do conhecimento no homem e o problema da validade do próprio conhecimento (ABRAGNANO, 2007, p. 223).

filosofia de Hegel passou a ser mal vista e os hegelianos de esquerda passaram a ser perseguidos. Para o lugar do professor E. Gans, que morreria, Frederico Guilherme IV designou um velho jurista conservador, fervoroso adepto do regime absolutista: o professor Sthal. Para não ser obrigado a defender a sua tese perante o professor Sthal, Marx desistiu de se doutorar pela Universidade de Berlim e foi bater às portas da Universidade de Iena. Em 15 de abril de 1841 defendeu brilhantemente sua tese e obteve o diploma. A tese de doutorado de Marx estava dedicada ao seu “caro e paternal amigo” barão Ludwig Von Westphalen e estudava *A Filosofia da Natureza de Demócrito e a de Epicuro*. Era uma tese erudita e original. Embora reconhecesse deficiências na informação científica de que Epicuro dispunha, a tese de Marx louvava-o por ter procurado encontrar um lugar para a liberdade da natureza, opondo-se ao determinismo de Demócrito. Com a tese, entretanto, Marx não conseguiu resolver o seu problema pessoal, econômico. Não pode obter a cátedra que pretendia, pois o governo não queria hegelianos de esquerda pontificando nas Universidades. E, em lugar de Marx alcançar o posto de professor universitário, como seu amigo Bruno Bauer, foi este quem perdeu o emprego: em outubro de 1841, Bruno Bauer foi proibido de continuar lecionando na Universidade de Bonn. (KONDER, 1983, p. 27-28).

Neste ínterim, Marx acabou desenvolvendo toda a sua densa produção bibliográfica e formulando suas teorias (histórica, dialética) às margens da academia, o que dificultou (e, muitas vezes invalidou) o processo de reconhecimento do marxismo como teoria científica; a aceitação dessa teoria nos ambientes acadêmicos ocorreu paulatinamente, envolta sempre de tensões e contestações.

Sabemos que o debate sobre a cientificidade das teorias marxianas frente aos demais métodos científicos, que se acirrou naquela época, continua atual; na medida em que os fundamentos do pensamento de Marx foram ganhando um espaço cada vez maior nas academias, continuaram a surgir núcleos que se dedicam a refutar seus ensinamentos, principalmente em áreas da economia, como a teoria e prática econômica neoliberal⁵, ciência que possui certa hegemonia em sua área. Assim, podemos afirmar que existem na academia, sob o ponto de vista epistemológico, duas opiniões sobre o marxismo: de um lado, os declarados opositores da teoria marxista, que alegam, em sua maioria, que a obra do filósofo é apenas mais uma, dentre tantas obras relevantes da filosofia moderna ocidental, limitando assim sua importância. E, por outro lado, temos aqueles que elevam o conjunto da obra marxiana a uma categoria diferenciada, considerando-a patrimônio intelectual da humanidade, não podendo, portanto, ser limitada, por tratar-se de uma forma específica de intervenção na realidade.

Modernamente, a academia é, por excelência, o ambiente destinado à produção do conhecimento e ao desenvolvimento das ciências e do saber. Tais máximas tornam-se

⁵ As teorias econômicas tidas como neoliberais geralmente são agregadas no termo economia neoclássica. As teorias neoclássicas foram influenciadas ou interagem com as seguintes escolas de pensamento: Liberalismo econômico.

possíveis de atingir mediante rigorosos exames metodológicos da realidade. Neste contexto, o debate sobre a veracidade científica das teorias marxianas ganha um enfoque muito especial. Afirmamos isso por entendermos que apenas com o reconhecimento da importância dessas teorias é que será possível um avanço na forma de fazer ciência e de intervir no meio social. O grande obstáculo a esta proposta é a noção burguesa de conhecimento, que (ainda) é o basilar (razão de ser) das academias modernas. No entanto, a realidade é, e sempre será muito mais complexa do que qualquer teoria e, nesse sentido, o não reconhecimento da contribuição de Marx para a ciência (ou para a forma de fazê-la) nas academias acaba refletindo, em parte, o resumo de interesses (lutas) de classes inconciliáveis.

2 Sobre o materialismo dialético

Ao contrário do idealismo de Hegel, que assumia como ponto de partida a ação do espírito (da razão), para Marx a matéria é o dado primário, a fonte da consciência, sendo esta um dado secundário, derivado, pois é reflexo da matéria. É preciso distinguir, no entanto, o materialismo de Marx, que é dialético, do materialismo anterior a ele, conhecido como materialismo mecanicista ou “vulgar”. O materialismo mecanicista parte da constatação de um mundo composto de coisas e, em última análise, de partículas materiais que se combinam de forma inerte. Para o materialismo dialético, os fenômenos materiais são processo. Além disso, o espírito não é consequência passiva da ação da matéria, podendo reagir sobre aquilo que o determina.

Enquanto Marx nega o idealismo exótico de Hegel, afirma o materialismo regido pela dialética cujo fluxo é alimentado pela luta interna, graças às contradições entre as classes sociais em perene conflito por causa da propriedade particular e das desigualdades geradas pelo desfrute comandado pelo capitalismo. Por isso, a vida social e econômica desencadeia a infindável luta de classes, uma vez que o proletariado se opõe à categoria dos patrões, tal como a antítese à tese, conforme seu sistema dialético. (FERACINE, 2011, p. 21).

Ao admitir o materialismo, o marxismo opõe-se a filosofia idealista de Hegel, mas aproveita sua concepção de dialética. A dialética é a estrutura contraditória do real, que no seu movimento constitutivo passa por três fases: a tese, a antítese e a síntese. Ou seja, explica-se o movimento da realidade pelo antagonismo entre o momento da tese e o da antítese, cuja contradição deve ser superada pela síntese.

Além da contraditoriedade dinâmica do real, outra categoria fundamental para entendermos a dialética é a de totalidade, pela qual o todo predomina sobre as partes que o

constituem. Isso significa que as coisas estão em constante relação recíproca, e nenhum fenômeno da natureza ou do pensamento pode ser compreendido isoladamente fora dos fenômenos que o rodeiam. Os fatos não são átomos, mas pertencem a um todo dialético e como tal fazem parte de uma estrutura.

3 Sobre o materialismo histórico

Chama-se de materialismo histórico a teoria marxiana que aplica os princípios do materialismo dialético ao campo da história. Como explica Feracine, trata-se do “processo pelo qual o homem transforma a si mesmo, transformando as condições econômicas de sua existência pelo trabalho” (2011, p. 80). Como o próprio nome indica, é a explicação da história por fatores materiais, ou seja, econômicos e técnicos. Marx inverte o processo do senso comum que explica a história pela ação dos indivíduos, ou, às vezes, até pela intervenção divina. Para o marxismo, no lugar das ideias estão os fatos materiais; no lugar dos heróis individuais, a luta de classes. Em outras palavras, embora possamos tentar compreender e definir o ser humano pela consciência, pela linguagem, pela religião, o que fundamentalmente o caracteriza é o modo pelo qual reproduz suas condições de existência.

Para Marx (2008), a sociedade estrutura-se em dois níveis. O primeiro nível, chamado de infraestrutura, constitui a base econômica; engloba as relações do ser humano com a natureza no esforço de produzir a própria existência e as relações entre si, ou seja, as relações entre os proprietários e não proprietários, e entre os não proprietários e os meios e objetos do trabalho. De acordo com a concepção materialista, a infraestrutura é determinante do segundo nível, a superestrutura.

A superestrutura tem caráter político-ideológico e se constitui por dois aspectos, a saber, pela estrutura jurídico-política representada pelo Estado e pelo Direito (segundo Marx, a relação de exploração de classe no nível econômico repercute na relação de dominação política, porque o Estado e as leis estão a serviço da classe dominante) e pela estrutura ideológica, as expressões da consciência social (tais como a religião, as leis, a educação, a literatura, a filosofia, a ciência e a arte). Também nesse caso, a classe dominada submete-se à ideologia, porque sua cultura reflete as ideias e os valores da classe dominante.

A identificação da estrutura social a partir desses dois níveis, infraestrutura e superestrutura, permite que Marx revise a concepção utópica do socialismo, propondo o socialismo científico. Feracine (2011, p. 21) explica:

Assim, Marx supera o socialismo utópico e implanta o científico, que ganha espaço regido pelo processo histórico, cuja coerência interna anuncia sua realidade plena para logo. Marx adota da doutrina hegeliana o mecanismo da evolução regida pela dialética enquanto prestigia o conceito emitido por Feuerbach, que substituiu o objeto da religião, ou seja, Deus pelo homem. Esse, porém, não na sua individualidade limitada, mas como sociedade dinâmica e perfectível.

Feracine (2011) nos ensina ainda que, de acordo com a teoria marxiana, para estudar a sociedade não devemos partir do que os indivíduos dizem, imaginam ou pensam, e sim, do modo pelo qual produzem os bens materiais necessários à sua vida. Analisando o contato que tais indivíduos estabelecem com a natureza para transformá-la por meio do trabalho e as relações entre eles é que se descobrem como produzem sua vida e suas ideias. “Esse confronto permanente não resulta só da vontade dos seres humanos nele implicados. É também produto da lei da natureza que predispõe a humanidade para alcançar a autêntica democracia” (FERACINE, 2011, p. 22).

No entanto, essas determinações tem também um caráter dialético: ao tomar conhecimento das contradições, o ser humano pode agir ativamente sobre aquilo que o determina. Ao analisar o ser social, Marx desenvolve uma nova antropologia, segundo a qual não existe “natureza humana” idêntica em todo tempo e lugar. Se o existir decorre do agir; o indivíduo se autoproduz à medida que transforma a natureza pelo trabalho. Como o trabalho se apoia numa ação coletiva, a condição humana depende de sua existência social. Por outro lado, o trabalho é um projeto e, como tal, depende da consciência que antecipa a ação pelo pensamento. Com isso se estabelece a dialética pensar-agir e teoria-prática. Por isso a filosofia marxista também é conhecida como a filosofia da práxis: “Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo” (MARX, 1978, p. 2).

4 Relação marxismo e ciência

Sabemos que do ponto de vista dos apologeticos da sociedade burguesa a teoria marxiana não pode ser considerada como científica. Esta máxima é fruto da ciência moderna que, após superar o antigo regime, tornou-se subordinada aos interesses burgueses na manutenção da estrutura de classes e funcional à suas necessidades de auto-reprodução. “A história de todas as sociedades através dos tempos nada mais tem sido do que luta de classes”. Esta afirmação inicial do *Manifesto*, básica para a perspectiva sociológica encarada por Karl

Marx, recebe, na edição inglesa de 1888, pela pena de Friedrich Engels, ulterior precisão em colorido científico (FERACINE, 2011, p. 30).

Assim, o pensamento de Marx, enquanto expressão teórica do movimento dos trabalhadores modernos, não se limita a concepção de ciência analítica, mas sim, em uma análise profunda sobre o ser social e suas múltiplas concretudes. Torna-se algo muito maior do que apenas uma teoria científica. Torna-se uma teoria revolucionária, que identifica o conteúdo social do conhecimento e propõe uma mudança da realidade.

(...) a ideologia nasce e perece ao fluxo e refluxo das condições materiais da economia. “Mercê do rápido aperfeiçoamento dos instrumentos de produção, a burguesia arrasta na corrente da civilização todas as nações até as mais bárbaras”. Ao condicionar destarte as ideias atuantes ao sistema econômico, Marx introduz no campo da ciência aquela questão posteriormente qualificada de sociologia do conhecimento. Esta faceta da sociologia marxista é vista como o estudo do condicionamento social que causa e por isso explica o surgimento como o desenvolvimento de ideias, de noções, de valores, de descobertas científicas até de programas práticos de reformas sociais. (FERACINE, 2011, p. 46-47).

O debate acadêmico sobre a validade científica torna-se polêmico nas academias porque envolve, de um lado, intelectuais ligados à noção tradicional de ciência, conformados com a sociedade capitalista, sendo, de certa forma, beneficiários dela; e, de outro lado, intelectuais que insistem na permanência do modelo interpretativo de Marx nas academias. Para este último grupo, a proposta de Marx apresenta-se neste contexto como mais um espaço para o travamento da histórica luta de classes, contra a hegemonia dos valores da classe política economicamente dominante e a favor das classes subalternas, promovendo através da pesquisa teórica e crítica do conhecimento humano uma intervenção na realidade. Feracine (2011) ainda nos lembra que os homens sempre se enfrentaram como feras, mantendo “guerra sem quartel”, exemplificando a questão da luta de classes.

Ora era a luta entre livres e escravos, ora entre patrícios e plebeus, que se digladiavam pela conquista do poder. Depois, senhores e servos disputavam a supremacia. A questão de fundo girava em torno do dualismo: o opressor e o oprimido. De quando em vez, por um lapso dilatado da história, o ardor do combate parecia arrefecido. No entanto, mesmo nos períodos de aparente trégua, o estado normal de beligerância envolvia-se implacável. À socapa das calmarias ou a descoberto nas arenas agitadas pelos contendores, a luta de classes sempre impulsionou através de transformações revolucionárias a sociedade inteira. (FERACINE, 2011, p. 31).

De outra maneira, os opositores da teoria marxiana, ao afirmarem a sua não cientificidade ao tratar com o objeto, acreditaram terem demonstrado sua disfuncionalidade,

isto é, a ineficácia deste método, partindo do pressuposto que o pensamento não cria realidade.

Pelo visto, o primeiro questionamento crítico contra a doutrina marxista refere-se à validade de método dialético. A propósito, que sirva esta reflexão de Battista Mondin, que discorda do sistema hegeliano: “O pensamento não opõe nem cria a realidade. Ele a constata. A interioridade idealista, reduzindo a realidade ao pensamento, diviniza e acaba dissolvendo todo o real no pensamento”. Vale dizer que, segundo Hegel, nós não descobrimos o mundo das coisas reais, mas o projetamos qual mero produto da imaginação.

O erro básico de pressuposto de Marx é que o elemento econômico opera como causa primária da evolução dos ideais à guisa de fonte motora. Assim, o sistema material de produção geraria as novas realidades históricas dos fatos sociais e políticos. Sabemos, no entanto, que o ser humano persegue valores que independem e superam as condições materiais da vida. Ele é capaz de construir a sua felicidade, independentemente dos bens materiais, embora esses bens tenham a função auxiliar de cooperação. (FERACINE, 2011, p. 24-25).

A crítica dos acadêmicos à presença das teorias marxianas nas academias faz sentido se entendermos que elas representam os interesses de uma classe social específica, que teme o desvelamento e a mudança das contradições sociais que o marxismo é capaz de produzir na classe trabalhadora. Mas cabe também uma crítica à pretensão de muitos teóricos do marxismo de que esta doutrina valha sozinha como instrumento de interpretação da realidade. Esse é também um extremo difícil de justificar.

5 Algumas conclusões

Karl Marx pode ser considerado um gigante do pensamento humano. Primeiro, porque foi capaz de fundar sua própria teoria sobre a forma de fazer ciência, levando em consideração a concepção de ciência analítica articulada com a totalidade social apresentada. Segundo, porque soube observar o que já havia sido produzido por outros gigantes que o precederam, mantendo, de forma dialética, o que de fundamental continha cada filosofia analisada.

É fundamental destacarmos que a proposta marxiana não dispensa as pesquisas positivas das demais ciências (biologia, física, química, etc.), mas oferece uma perspectiva para complementá-las em relação ao caráter ideológico da sociedade que as produz. Sendo assim, podemos concluir que o método científico de Marx, embora não seja absoluto, é potente e original, pois está relacionado com uma força histórico-social concreta, que age como constituinte do processo de luta pela emancipação, pautadas pelo desenvolvimento de

todas as potencialidades do sujeito, sendo o princípio de uma nova filosofia; a filosofia marxista.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FERACINE, Luiz. *Karl Marx, ou, A sociologia do Marxismo*. São Paulo: Lafonte, 2011.

KONDER, Leandro. *Marx – vida e obra*. 6. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MARX, Karl. *A miséria da Filosofia*. Tradução de José Paulo Neto. São Paulo: Global, 1985.

_____. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. Tradução e Introdução de Florestan Fernandes. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. Lisboa: Edições 70, 1975.

_____. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Lisboa: Edições 70. 1989.

_____. *O Capital: Crítica da Economia Política. Livro I: O processo de produção do capital*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial. 2013.

_____. *Tese contra Feuerbach*. 2. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores).

_____; ENGELS, Friedrich. *O Manifesto Comunista*. Tradução de Maria Lucia Como. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012. (Coleção Leitura).

MONDIN, Battista. *Curso de Filosofia*. Volume 1. Rio de Janeiro: Edições Paulinas, 1981.